

## A CIDADE E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES: APONTAMENTOS E PERCURSOS DE LEITURA<sup>1</sup>

Gleison Maia Lopes<sup>2</sup>  
Danyelle Nilin Gonçalves<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa discutir e problematizar a inserção da cidade nas preocupações sociológicas, tendo a cidade como categoria de análise e inquietação científica. A metodologia empregada é de cunho bibliográfico. Antes de pretender findar a temática abordada, o referido artigo se propõe problematizar a questão proposta e fomentar a produção do conhecimento e divulgação do mesmo.

**Palavras-chaves:** Cidade; Sociologia.

### RESUMÉ

Cet article vise à discuter et remettre en question l'inclusion de la ville dans les préoccupations sociologiques, et la ville en tant que catégorie d'analyse et de troubles scientifique. La méthodologie est la nature bibliographique. Avant de terminer, vous voulez que le thème choisi, l'article propose de discuter de la question proposée et de favoriser la production de connaissances et la diffusion de la même.

**Keywords:** Mots-Cles. Ville. Sociologie.

### 1 INTRODUÇÃO

Analisar os processos de socialização<sup>4</sup> dos sujeitos e a dinâmica social dos usos no espaço público da cidade tem sido por demasiado objeto de estudos de cientistas sociais que lançam o olhar sobre esse processo.

A cidade, desse modo, se insere nesse processo de discussão como campo sob o qual agiram variados sujeitos com concepções diferenciadas e que de maneira disforme produziram um espaço urbano que reflete em si relações de poder social, econômico e político. Desse modo, analisar os usos contemporâneos da cidade sem entender sua inserção nas mais variadas formas de percepção social é trabalhar sob uma ótica reducionista.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é resultado do texto dissertativo produzido pelo referido autor e orientado pela referida autora.

<sup>2</sup> Professor de Sociologia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA.

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará - UFC, Professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC .

<sup>4</sup> Ampara-se aqui na discussão estabelecida por Simmel quando da criação de seu conceito de socialização, analisando-o na produção do texto como resultado de um processo de interação entre os indivíduos que se estabelece por variados motivos, sejam eles políticos, econômicos, eróticos, de defesa, de ataque e etc. que terminam por estabelecer as formas de organização e interação na sociedade.

Destarte, pretende-se, nesse artigo, elaborar uma análise sobre o modo como a cidade se insere nas discussões sociológicas, a partir de apontamentos que pretendem muito menos encerrar a discussão da produção acerca da cidade e muito mais proporcionar um fomento ao debate daqueles que sobre a cidade lançam olhares e inquietações.

Segundo Freitas,

A cidade, grande realização humana, artefato por excelência e aparente negação da natureza, torna-se o local principal para observação de uma nova relação, mitológica, capitalista e midiática, do homem com a natureza. A natureza, metáfora ou metonímia, que já havia sido reificada e incorporada à vida social, ao longo da história do homem, é apropriada e até mesmo produzida, com o objetivo de valorização monetária de objetos/mercadorias nos mais variados segmentos da produção e dos serviços. (FREITAS, p. 17, 2009)

Entender essas relações estabelecidas entre cidade significa inseri-las num sistema complexo de ações, formas de pensamento e ordenação do mundo social. O modo como a sociedade percebeu e incorporou seus conceitos de cidade estabelece a maneira de inserção desta na vida social.

Todavia, para que essa análise seja compreendida é necessário entender antes como a Sociologia apreendeu o objeto de estudo cidade, como essa foi historicamente pensada, seus mecanismos de análise e, principalmente, o modo como as pesquisas contemporâneas sobre a referida temática tem suas raízes ancoradas em um longo processo de produção do conhecimento acerca das cidades e de seus agentes.

## **2 OLHANDO PARA TRÁS: A PRODUÇÃO DO SABER SOCIOLÓGICO SOBRE A CIDADE.**

Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais (MARTINS, 2011, p. 52)

Na citação acima, José de Souza Martins faz uma análise do motivo e maneiras de como e porque a Sociologia atentou para uma observação da vida cotidiana, uma análise do mundo vivido *in lócus* pelos indivíduos dentro de suas relações sociais diárias. Essa “Sociologia do Detalhe”, passa a analisar não mais apenas as grandes

estruturas e macroeconomias, mas também a buscar o entendimento do “homem ordinário”<sup>5</sup> em suas mais variadas relações e atribuições de valores e significados. É nesse contexto de privilégio ao anônimo e reificação de uma multidão sem nomes (CERTEAU, 2012) que esta pesquisa se insere.

Ao voltar seu olhar para as cidades, o cientista social passa a pesquisar um mundo não mais “estranho” ao seu cotidiano. Passa a pesquisar seu mundo de significações e demarcações costumeiras. A busca pelo diferente, pelo pitoresco, por aqueles *imponderáveis da vida real*<sup>6</sup> que saltavam aos olhos dos cientistas iniciais e que sempre renderam riquíssimas análises sociais não mais apreendem completamente a totalidade das inquietações científicas contemporâneas. Voltou-se o olhar para si, para dentro do sistema de socialização do qual o pesquisador é fruto.

Costa (2009) menciona que ao pesquisador coube, com o nascimento das pesquisas urbanas, o campo de pesquisa com grupos que tenham experiências “tão comuns quanto diferentes”. Algo que ele chama de pesquisa “sem sair de casa”. O referido autor traz uma discussão sobre a questão metodológica de “adequar” as ferramentas de pesquisa científica a essa nova problemática posta.

Todavia, concorda-se com Barreira (2012) quando esta menciona que

A proximidade, por outro lado, também produz cegueiras. Cidades cujos códigos de tão conhecidos já não são vistos como tais podem tornar a observação “cega de tanto ver”, permeável as ilusões do já assimilado como evidente. Assim olhar a cidade onde se mora pode induzir ao desconhecimento de “já visto” e por esse motivo incorporado à paisagem natural do saber. (BARREIRA, 2012, p. 15)

Desse modo, atento às cegueiras que nossa sociabilidade vivida nos entrega como evidentes, fez-se nesse artigo uma análise de fenômenos sociais inseridos na realidade urbana.

Desse modo, produziu-se uma análise da cidade em sua dimensão fragmentada: a do pesquisador, o que não impede ou exclui a existência de outras mil cidades ou “realidades” dentro desse todo maior chamado cidade (CARLEIAL, 2011).

A cidade como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais não é um campo de pesquisa recente, tendo vários pesquisadores já se debruçaram sobre essa temática, tarefa essa que se coloca, de certo modo, fadada ao fracasso intelectual de nunca

---

<sup>5</sup> Ver CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 18 ed. Rio de Janeiro, Petrópolis. Editora Vozes, 2012.

<sup>6</sup> Ver MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

compreender completamente as linhas que cruzam e entrecruzam o tecido do real, mas que sempre se colocam como *lócus* de inquietação científica e de busca pelo conhecimento.

Assim como menciona Agier (2011) o antropólogo em suas pesquisas urbanas se percebe diante de um objeto que é “demasiado esmagador e, ao mesmo tempo, imperceptível para a pesquisa etnográfica”.

Ainda como menciona Agier:

Multitude sem totalidade, a cidade, seria, também, demasiado heterogênea para que o próprio antropólogo consiga aceder à sua complexidade sem se perder... mesmo sendo ela geralmente o lugar onde ele tem sua vida privada, e pelo menos em parte, profissional, o lugar de seu descanso, ou mesmo- de acordo com as palavras depreciativa que Lévi-Strauss usou em seus comentários sobre São Paulo, onde viveu entre 1935 e 1939 – lugar para uma “etnografia de domingo”. No entanto, essa diligência baseada numa pesquisa relacional, local e “microbiológica”, que parecia ser um obstáculo à constituição de uma antropologia na cidade, é, principalmente, o que torna possível a elaboração de uma antropologia da cidade. (AGIER, 2011. P.37)

Desse modo, atentos às impossibilidades de apreensão total da realidade, procuram-se fragmentos desta, pois se busca a apreensão de sentidos específicos em situações objetivas. Fortuna (2008) menciona que para se analisar a cidade deve-se levar em conta três períodos históricos que representam, didaticamente<sup>7</sup>, os métodos e períodos de abordagem desse tema.

Segundo o referido autor, inicialmente, a cidade se inseriu negativamente no cenário social, pois era aquela que desestabilizaria a ordem colocada, leia-se ordem tradicional que havia no campo.

Deve-se levar em conta a instabilidade proporcionada pelo sistema capitalista que, ainda em estabelecimento, colocava a cidade em extremos de miséria e desenvolvimento, trazendo uma ideia de incerteza àqueles que se inseriam nessa “nova” forma de organização social que se opunha à concepção rural de vida.

Otonni (1996) menciona:

A grande depressão iniciada em 1873, com interrupções por momento de recuperação em 1880 e 1888, marca na Inglaterra a fase de passagem entre dois períodos nitidamente distintos. De um contínuo e vigoroso crescimento de sua indústria, caracterizando prosperidade e otimismo, para uma época de alterações radicais no processo de crescimento capitalista. (OTONNI, 1996, P. 37)

---

<sup>7</sup> É necessário, a título de informação, deixar clara que a diferenciação entre esses períodos não quer dizer que sejam eventos lineares e sequências. Essa divisão acontece de maneira didática a título de melhor explicação dos fatos, mas pode-se perceber que não há uma separação clara entre esses momentos históricos, pois são momentos que se entrecruzam na produção do real.

As cidades traziam em si a carga valorativa e simbólica do sistema capitalista ao qual imagetivamente era representante, seja como novo estilo de vida (urbano), seja como ideário de organização e reprodução social (capitalismo individualista).

Esse contexto fez criar uma preocupação com os benefícios que a cidade teria a oferecer à sociedade, de tal modo a criar-se um pensamento de reflexão acerca da real importância de se viver no espaço urbano em detrimento do rural.

Esse pensamento “anti-cidade” não estava inserido numa concepção unicamente científica da metrópole, mas embasado em concepções morais, religiosas e/ou políticas e reproduzido por textos literários que criticavam essa nova forma de comunidade que destruiria os laços sociais estabelecidos pela comunidade pré-urbana.

Fortuna menciona que

A metrópole industrial começa tomar expressão, arrastando, nesse seu crescimento inicial, uma ideologia anti-cidade formulada como antecipação face ao que se pensava poder ser o efeito devastador da metrópole sobre a sociedade tradicional. (FORTUNA, 2008, p. 14)

Entretanto, essa concepção é superada e podemos analisar a produção de Howard<sup>8</sup> como exemplo do processo de ruptura com a não aceitação da cidade enquanto modelo de vida. A partir do final do século XIX, vários projetos surgiram tendo como finalidade evitar esse colapso que a sociedade moderna traria com seu estabelecimento.

Segundo Fortuna:

No momento em que G. Simmel, analisava os efeitos sócio-psicológicos da grande metrópole sobre os indivíduos, Howard promovia a sua “cidade jardim” como modelo alternativo, a um tempo realista e utópico, de criação de comunidades urbanas restritas, com o intuito de instituir um novo estilo de vida e dar solução aos problemas que a industrialização e a urbanização anunciavam (FORTUNA, 2008, p. 15)

---

<sup>8</sup> Ebenezer Howard, nascido em 1850 e falecido em 1928, foi um grande pensador urbano, conhecido na Arquitetura como pré-urbanista, que projetou um novo modelo de cidade, chamada por ele de cidade jardim (*Garden Cities*). Tal cidade tinha como objetivo resolver os problemas da vida urbana e agregar em torno das cidades características rurais como, por exemplo, a convivência do homem com a natureza. Essa produção pode ser encontrada em seu livro mais conhecido chamado *Cidades-jardins de Amanhã* (*Garden Cities of To-morrow*) de 1898.

Howard (1996) seria o principal expoente dessa forma de concepção que tentava “consertar” essa desestruturação da antiga lógica social e resolver esse surgimento desse novo contexto social que o nascimento dessa vida urbana trazia com as grandes cidades, tendo como maior exemplo a criação das cidades-jardins (Ver figura 1).

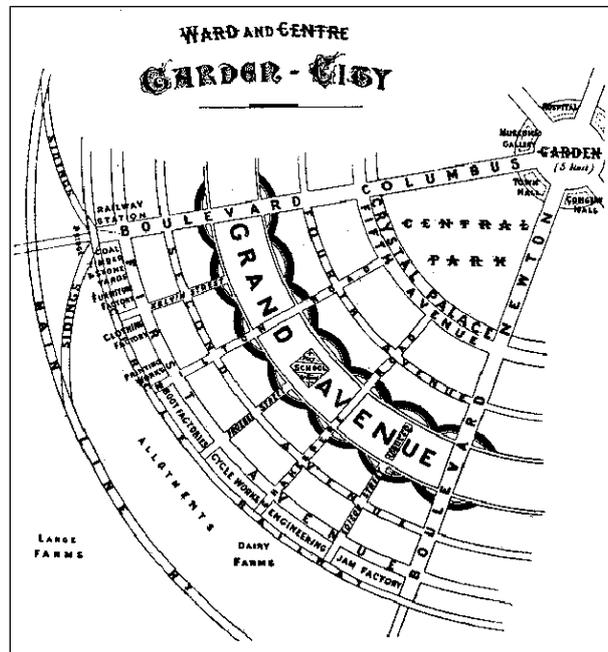


Figura 1- Esquema para uma seção de cidade Jardim

Fonte: Domínio Público. Acesso em 04/05/2013.

Interessante perceber nesse esquema uma tentativa de junção entre um estilo de vida rural e o estilo de vida urbano, aliando as principais características de cada grupo e unindo-as num espaço social particular. Aliar as transformações sociais trazidas pela cidade e fazer uma junção desse desenvolvimento à “segurança/estabilidade” e padrões estabelecidos de organização típicos do mundo rural foi o objetivo desse momento na obra do referido autor, segundo menciona Molina (2011).

Um bom exemplo do que se está falando é que, no esquema acima mencionado, Howard constrói um local que alia as indústrias (típicas do sistema industrial urbano daquele período) às praças e espaços verdes reservados ao lazer e socialidade. Aquelas zonas de indústria ficariam nas periferias das cidades jardins e as áreas verdes e praças de convivência nas áreas mais centrais.

Otonni (1996) menciona que

Ebenezer Howard (1850-1928) faz sua síntese conciliadora dizendo que a havia seguido a sugestão de Lord Rosenbery tomando “emprestado do socialismo sua larga concepção de esforço comum e seu vigoroso conceito de vida municipal, e do individualismo, a preservação do auto-respeito e da confiança em si mesmo” (OTONNI, 1996. p. 38)

Interessante relacionar a concepção do autor entre socialismo e atividade grupal e capitalismo e uma atividade social ligada ao individualismo, onde essa seria uma característica que seria inerente ao estilo de vida urbano, ligado menos às atividades sociais do que as atividades particulares. Portanto, o capitalismo era visto como aquele que promoveria uma particularização do indivíduo em relação à sua comunidade local.

Nesse momento, podemos, inicialmente, começar a perceber a forma de junção desses sistemas onde a natureza e as formas sociais de relação (moradia e lazer, por exemplo) passam a apresentar importância maior na estrutura de trabalho. Nesse momento a segunda fase de inserção social das cidades na vida contemporânea começou-se a iniciar.

A cidade, também, pode aqui ser percebida como uma “constelação” de possibilidades de sociação que inserem o indivíduo num processo de interação inexistente até aquele momento. Simmel (1983) se preocupa em entender como a cidade estabelece processos interacionais microssociais que permitem um entendimento da lógica construtiva da vida social, como menciona Waizbort (2000).

O período Entre-Guerras<sup>9</sup>, segundo Fortuna (2008), marca o segundo período de estudos sobre a cidade. Nesse momento há o início de uma longa e sistematizada produção de conhecimento acerca dos grandes centros urbanos. Interessante perceber o deslocamento da produção de conhecimento da Europa para os Estados Unidos, que passam a “disputar” a hegemonia de produção do conhecimento.

O resultado desse deslocamento é o surgimento da Escola de Chicago<sup>10</sup>, que marcou uma revolução no modo como se percebe e se analisam os estudos urbanos.

A cidade, a partir do século XIX, passa a ser analisada e a sofrer reflexões na tentativa de torná-la em objeto específico do saber sociológico e não mais, apenas, como função dos poetas, romancistas, teólogos, arquitetos e filósofos (Barros, 2012), como mencionado anteriormente.

Desse modo:

Começam a surgir cada vez mais pensadores da sociedade – historiadores e também os estudiosos que hoje chamaríamos de sociólogos e antropólogos – preocupados em entender esta especificidade do “viver urbano”, em decifrar a história desse viver, as suas mutações, as suas diferenças em relação aos outros ambientes sociais, e em compreender também a complexidade dos

---

<sup>9</sup> Período referente ao espaço de tempo correspondente ao fim da Primeira Guerra Mundial (1918) – início da Segunda Guerra Mundial (1939).

<sup>10</sup> Escola de pensamento que elaborou, nos Estados Unidos em meados do século XX, uma forma diferenciada de pensar a cidade e suas formas de pesquisa e análise. Sobre a existência e composição da referida escola, ver Becker (1996).

vários tipos de vida social que podiam ser abrigados nas diversas modalidades de formações urbanas. (BARROS, 2012. p.10)

Analisar a produção acerca do espaço urbano sem perceber a função e importância da Escola de Chicago é uma falha de grande escala devido a importância e ressonância dos estudos desta escola até os dias atuais.

Robert Erza Park<sup>11</sup> é considerado um dos expoentes da Escola de Chicago e um dos primeiros a tentar esboçar uma proposta para os estudos urbanos. Becker (1990), referindo-se a ida de Park à Universidade de Chicago, menciona que Park:

Ao chegar a Chicago, Park mostrou-se uma pessoa muito dinâmica, organizando quase toda a Universidade, pelo menos na área de Ciências Sociais. Parecia que ele vinha pensando há anos no tipo de trabalho que precisava ser feito. Logo em seus primeiros tempos em Chicago, Park escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma idéia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo, ideia que resumiu ao dizer: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo” (BECKER, 1990, p. 180).

Park tem uma definição de cidade que apreende bem essa busca em inserir esse objeto como fonte de estudos da Sociologia Urbana. Para ele, a cidade

É um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Esta, envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõe; é um produto da natureza, e particularmente, da natureza humana. (PARK, 1979, p. 26)

Essa análise que via na cidade mais do que apenas um resultado da ação humana sobre a natureza e que a percebia como fator socialmente importante e necessário no entendimento na realidade humana, é inovadora nos estudos urbanos de até então, pois a colocava como objeto sem o qual, não é possível entender “completamente” as formas de organização social.

Desse modo, a cidade nasce como resultado de processo de modernização da, até então, nascente sociedade capitalista de produção. Portanto, traz consigo, devido suas singularidades, as características e demandas desse sistema.

---

<sup>11</sup> Robert Erza Park, filho de uma família de ricos comerciantes, nascido em Omaha, em Nebraska, no centro dos Estados Unidos. Doutorou-se em Heidelberg com uma tese sobre as massas e o público como formas de organização social dentro das grandes cidades (Becker, 1990). Antes de se inserir profissionalmente na Universidade de Chicago, teve uma ampla experiência na área do jornalismo, onde atuou durante anos, como repórter, e, depois, como editor chefe de um dos jornais mais conceituados da cidade de Detroit.

Simmel, mestre intelectual de formação de Park, estabelece que as grandes cidades marcam uma temporalidade e circunstância diferenciada nos estudos das transformações urbanas, pois trazem consigo circunstâncias sociais que se colocam como tema de análise para as ciências da sociedade.

Segundo o autor, as grandes cidades:

Adquirem assim um lugar absolutamente único, grávido de infindos significados, no desfraldar da existência anímica; mostram-se como uma daquelas grandes formações históricas em que as correntes opostas que rodeiam a vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos. Mas, deste modo, sejam-nos simpáticos ou antipáticos os seus fenômenos singulares, elas saem inteiramente do âmbito frente ao qual nos convinha a atitude do juiz. Na medida em que tais potências se entranharam na raiz e na coroa de toda a vida histórica, da qual fazemos parte na existência fugidia de uma célula – a nossa tarefa não é acusar ou perdoar, mas tão - só compreender. (SIMMEL, 1983. p. 19)

Segundo Simmel, a grande cidade transforma as formas de relação social devido às suas novas formas de produção, troca e divisão do trabalho (posteriormente analisaremos a relação entre o pensamento de Simmel e Émile Durkheim). O estabelecimento de impessoalidades através dessas relações “obscuras” características das relações de troca, causa uma despersonalização social dos sujeitos em face de uma simplificação das relações sociais, tornando-as e reduzindo-as a uma ideia de valor ou quantidade.

O habitante da grande cidade passa, em contraste com os moradores da pequena aldeia, a se relacionar com uma economia monetária, economia essa que o liga a ideia de pontualidade, calculabilidade, enfim, uma aritmetização da vida urbana. O resultado desse processo, segundo Simmel, é tornar as pessoas reservadas, desconfiadas ou indiferentes em relação aos demais indivíduos da grande cidade.

Nas palavras do autor, a grande cidade moderna

É provida quase inteiramente da produção para o mercado, isto é, para clientes de todo desconhecidos, que nunca se encontram cara a cara com os próprios produtores. O interesse de ambas as partes ganha assim uma objectividade impiedosa, o seu egoísmo económico, intelectualmente calculista, não tem a recear qualquer desvio oriundo dos imponderáveis das relações pessoais. E isso dá-se bem, claro está, com a economia monetária, que domina nas grandes cidades, que expulsa os últimos restos da produção própria e da troca imediata de mercadorias e reduz sempre mais, quotidianamente, o trabalho para o cliente – numa interacção tão estreita que ninguém saberia dizer se, de início, é aquela constituição intelectualista, anímica, que impele para a economia monetária, ou se esta é o factor determinante daquela. Certo é apenas que a forma de vida da grande cidade é o solo mais frutífero para esta interacção; eis o que eu gostaria ainda de documentar com o dito do mais importante dos historiadores ingleses da Constituição: no decurso de toda a história inglesa, Londres nunca foi considerada como o coração da Inglaterra, mas frequentemente como o seu intelecto e sempre como a sua bolsa de dinheiro! (SIMMEL, 1979. p. 14)

Segundo alguns autores, a obra de Simmel pode ser considerada como a primeira obra de estudo de Sociologia Urbana, marco nos estudos dos processos sociais de transformação nas grandes cidades.

O terceiro momento acerca dos estudos sobre a cidade é o período em que acontece uma “viragem no equacionamento da relação cidade-comunidade”, pois, nesse momento, teria ocorrido um reforço na produção europeia, que como havíamos mencionado, tinha sofrido uma queda no momento de nascimento da Escola de Chicago.

Essa produção passou a exercer uma contraposição ao que Fortuna (2008) chama de produção descritivista, exercida pela escola de Chicago. Teóricos como Henri Lefebvre (1970), com o *Direito à Cidade*, marcam uma nova forma de produção iniciada por volta das décadas de 1960/70. A sociologia francesa, desse modo, estabelece uma forma de pensar a cidade<sup>12</sup>.

Buscava-se nesse momento uma análise do que Fortuna (2008) chamou de politização da cidade, da cultura e de espaço público. Eram, portanto, reflexões estabelecidas tendo como base a configuração que estabelece a cidade como centro de vida dominante, como *lócus* principal da produção da vida.

Fortuna (2008) menciona que essa terceira fase de estudos da cidade finda em estudos de “*O Que Estamos a Fazer da Cidade e de seu Futuro?*”, uma análise contemporânea da cidade que apreende uma busca pelos sentidos dos usos do espaço na busca de uma sustentabilidade ambiental urbana, uma nova mentalidade que insere nas formas de análise do espaço urbano.

Michel de Certeau<sup>13</sup> tem uma grande importância nessa nova fase dos estudos da cidade. O referido autor teve uma grande influência nas transformações do pensamento científico que passa a pensar as perspectivas urbanas aliadas a uma compreensão do cotidiano como matéria não dada, mas cabível e necessitada de uma interpretação.

A relação entre sociedade e consumo, em Certeau, diferentemente da negatividade ancorada anteriormente noutros autores, como Simmel, por exemplo, era vista como objeto de pesquisa, pois em sua concepção, esse contexto de consumo não é

---

<sup>12</sup> Uma crítica à Escola de Chicago é elaborada nesse momento, pois a visão que percebe a cidade como espaço diante do qual se pode entender a realidade mais ampla a qual ela está inserida, como pensado pelos autores da escola de Chicago, é criticada, na medida em que a cidade passa a ser trabalhada como condicionada às determinações oriundas do processo de desenvolvimento capitalista.

<sup>13</sup> Michel de Certeau, nascido em 1925 e falecido em 1986, foi um grande historiador que se dedicava a mais variadas áreas de compreensão da vida social, tais como Psicanálise, Filosofia e Ciências Sociais.

uma questão de passividade e anonimato daqueles que consomem, mas uma questão de desvio a partir da heterogeneidade das formas, leiam-se “práticas”, nas palavras de Certeau (1994), de uso do consumo empreendidas na urbe.

Essa nova e incipiente maneira de analisar a cidade foi de grande impacto nas formas de pensar o espaço e a ação dos indivíduos no espaço urbano. Alterando as formas de ver e pensar a cidade, alteram-se, por consequência, os indivíduos e atores principais desse contexto e mostra que a pesquisa, assim como qualquer outra atividade, parte do *a priori* histórico na sua formação e execução.

No Brasil, a pesquisa sociológica acerca da cidade e desses “micro” fatores teve repercussão e pode ser exemplificada em renomadas pesquisas. A cidade multifacetada e atravessada por uma série de relações sociais é objeto de inquietações<sup>14</sup>.

A atividade científica é aqui entendida, portanto, como resultado de um processo de idas e vindas na produção sobre as cidades, um processo histórico recursivo e alternado.

Desse modo, a pesquisa que originou esse artigo<sup>15</sup> é também resultado de um processo de construção do conhecimento. Inserida na contemporaneidade das preocupações científicas, mas com raízes históricas que mostram sua força no momento da reflexão epistemológica sobre o objeto de estudo.

Essa discussão realizada anteriormente encontra fundamento na ideia de que a ciência revela em si formas de percepção social, modelos de apreensão do mundo legítimos na sociedade, portanto, entender essa visão acerca da cidade nos fornece as ferramentas de entender suas transformações históricas como resultado de um processo que interfere diretamente no campo de pesquisa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, como demonstrado, é objeto de análise e disputa dentro do ambiente sociológico. Uma miríade de análises fazem, desse campo, objeto historicamente atravessado por formas de análise diversas, que ora se voltam a cidade como espaço de análises macrossociológicas, diante das quais a realidade social poderia ser apreendida em sua total complexidade, ora sendo uma grande composição de “micro cosmos”

<sup>14</sup> Ver VELHO, 1989; ZALUAR, 1985; VELHO, 1967; LEITE, 2002; MARTINS 2011; CALDEIRA, 2000; MAGNANI, 1984 e BARREIRA, 2012.

<sup>15</sup> O artigo, ora apresentado, é resultado da pesquisa de Mestrado denominada PRÁTICAS SOCIAIS E COTIDIANO: O PARQUE ECOLÓGICO DO COCÓ EM ANÁLISE, produzida no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará-UFC.

diante dos quais um caleidoscópio social emergiria, cabendo o pesquisador entender essas lógicas dentro do todo social.

Desse modo, muito menos tendo a ousadia de buscar findar à discussão acerca da cidade e de seus aportes teóricos de análise, esse artigo pretende esboçar uma trajetória de leituras e problematização de inquietações a fim de expor a complexidade e abrangência que os estudos de cidade trazem consigo. Pretende-se, com esse artigo, ter oferecido uma contribuição ao debate sociológico do referido campo de estudos, subsidiando e fomentando outras construções e debates que terminem por clarear e expandir o entendimento social sobre a temática analisada.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora terceiro nome, 2011.

ARAÚJO, Ana Maria Matos. CARLEIAL, Adelita Neto. **Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza**. Scripta nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, num, 146(030). Htm> [ISSN: 1138-9788]. Acesso em 28/09/2008.

BARROS, José D`Assunção. **Cidade e História**. Petropolis: Editora Vozes. 2007.

BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2, pp. 177-188. ISSN 0104-9313.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 3ª edição. Vol.1, 1994.

FORTUNA, Carlos. LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: novos léxicos urbanos**, Coimbra, Ed. Almedina, 2009.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonego, Introdução: Dácio Araújo Benedito Otoni. São Paulo, Estudos Urbanos, Série Arte e Vida Urbana, Hucitec, 1996

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991. (p. 96-109).

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos e espaço público: Notas sobre a construção social dos lugares na manguetown**. Rev. Bras. Ci. Soc. Vol.17 n0.49 São Paulo, june 2002.

LOPES, Gleison Maia. **Práticas Sociais e Cotidiano:** o Parque do Cocó em Análise; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará; Orientador: Danyelle Nilin Gonçalves; 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço:** Lazer e Cultura Popular na Cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

MOLINA, Arthur. **Os males do crescimento das cidades: Ciência para suas soluções?** Revista Observatório das Metrópoles. Disponível em [http://observatoriodasmetrolopoles.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1608&catid=45&Itemid=88%E2%8C%A9=pt](http://observatoriodasmetrolopoles.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1608&catid=45&Itemid=88%E2%8C%A9=pt). Acessado em 28/05/2013.

OTTONI, D.A.B. **Cidade jardim: formação e percurso de uma idéia.** In: HOWARD, E. Cidades–Jardins de amanhã. São Paulo, Hucitec, 1996. 211p.

PARK, Robert E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O suplico do Papai Noel.** Cosac Naify, São Paulo. 2008.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

WAIZBORT, Leopoldo. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Editora 34, 2000.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina:** a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1985.